

CORREIO BRAZILIENSE

Rumo para a inovação no Brasil

02/02/2017

MARCOS CINTRA

Doutor em Economia pela Universidade Harvard (EUA), professor titular da Fundação Getúlio Vargas. É autor do projeto do Imposto Único. É presidente da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos).

A inovação tornou-se a mais relevante variável na determinação das políticas de crescimento econômico em todo o mundo, suplantando fatores considerados críticos, tais como disponibilidade de recursos naturais, acumulação de capital, poderio militar ou posicionamento geopolítico.

O governo brasileiro vem dedicando parte significativa de suas receitas ao fomento à ciência e tecnologia. Pouco mais de 0,9% do PIB vem sendo aplicado pelo setor público no apoio a essas atividades. Trata-se de significativo e louvável esforço governamental, e que resultou, dentre outros impactos, no Brasil estar situado em 14º lugar dentre os maiores países produtores de conhecimento científico no mundo.

Contudo, há um fato intrigante na performance brasileira em ciência, tecnologia e inovação. O esforço público que nos colocou dentre os mais avançados países em produção científica não se mostrou capaz de retirar o Brasil de um vergonhoso 69º lugar no ranking de transformação do conhecimento em agregação de valor econômico, ou seja, em inovação.

No Brasil cada real público aplicado tem conseguido alavancar cerca de R\$ 0,80 privados, ao passo que em países tecnologicamente mais avançados a relação é inversa, ou seja, o investimento privado é maior que os dispêndios públicos. Em países como a Coreia do Sul e o Japão, por exemplo, a relação entre os dispêndios privados e os públicos chega próximo de 4 para 1. Nesse contexto, convém perguntar: por que as empresas brasileiras investem pouco em inovação?

Um importante fator que explica esse comportamento é o nosso desfavorável ambiente institucional: na visão do empresariado brasileiro, o quadro regulatório e legislativo brasileiro é desestimulante, destacando-se a burocracia, alta carga tributária, impedimentos à importação de insumos e equipamentos estratégicos, morosidade na obtenção de patentes, e ainda a falta de percepção da sociedade acerca da importância da inovação e do conhecimento científico para o desenvolvimento econômico.

É importante lembrar também que grande parte das maiores empresas instaladas no Brasil são multinacionais, que possuem seus centros de pesquisa em outros países, e não faria sentido duplicar esforços no Brasil. Por fim, é importante observar a baixa interação entre empresas e as universidades e Instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICTs), onde se concentram a larga maioria dos cientistas e pesquisadores brasileiros.

É prioritário para o país que mudemos esse quadro. Não se trata de virar de ponta-a-cabeça o modelo brasileiro e copiar o modelo norte americano, por exemplo, onde a ampla maioria dos pesquisadores e produtores de tecnologia está nas empresas. A diferença entre os arranjos

institucionais não implica que um modelo seja necessariamente melhor que o outro. É crucial aprimorarmos o modelo brasileiro, buscando melhorias sem motivar grandes resistências que possam desperdiçar tempo, energia e os limitados recursos disponíveis.

O caminho de menor resistência para gerar inovação é aproximar as empresas dos centros geradores de conhecimentos tecnológicos e de pesquisa, que entre nós são as universidades e as ICTs, em geral públicas, ao invés de fomentar as empresas a investirem em seus próprios centros de pesquisas de forma exclusivamente autônoma.

Respeitando as peculiaridades de cada arranjo institucional, o importante é aumentar os investimentos em P&D, mesmo que os gastos privados sejam alocados no financiamento de atividades desenvolvidas em instituições públicas. A pesquisa colaborativa entre empresas e universidades deve ser fortemente estimulada. Complementarmente, devemos envidar esforços concomitantes para estimular as empresas a criarem seus próprios centros de pesquisa e a contratarem seu próprio corpo de pesquisadores, como ocorre em outros países. Ainda que trilhando diferentes caminhos, é necessário dar novos rumos para a inovação no Brasil.